

## O Caso Dreyfus



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Reitor

MARCELO KNOBEL

Coordenadora Geral da Universidade

TERESA DIB ZAMBON ATVARIS



Conselho Editorial

Presidente

MÁRCIA ABREU

ANA CAROLINA DE MOURA DELFIM MACIEL – EUCLIDES DE MESQUITA NETO

MÁRCIO BARRETO – MARCOS STEFANI

MARIA INÊS PETRUCCI ROSA – OSVALDO NOVAIS DE OLIVEIRA JR.

RODRIGO LANNA FRANCO DA SILVEIRA – VERA NISAKA SOLFERINI

Alain Pagès

O CASO DREYFUS

Verdades e lendas

Tradução

Pedro Paulo Garcia Ferreira Catharina

EDITOR A  
UNICAMP

P147c Pagès, Alain  
O Caso Dreyfus: verdades e lendas / Alain Pagès; tradução Pedro Paulo  
Garcia Ferreira Catharina. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2021.

1. Dreyfus, Alfred, 1859-1935. 2. Zola, Émile, 1840-1902.  
3. Antissemitismo – França. 4. França – Política e governo – 1879-1940.  
I. Catharina, Pedro Paulo Garcia Ferreira. II. Título.

978-65-86253-64-1

CDD – 944.0812

– 944

---

Título original: *L'affaire Dreyfus, vérités et légendes* - Alain Pagès

Copyright © by Perrin, 2019

Copyright © 2021 by Editora da Unicamp

Opiniões, hipóteses e conclusões ou recomendações expressas  
neste livro são de responsabilidade do autor e não  
necessariamente refletem a visão da Editora da Unicamp.

Direitos reservados e protegidos pela lei 9.610 de 19.2.1998.  
É proibida a reprodução total ou parcial sem autorização,  
por escrito, dos detentores dos direitos.

Impresso no Brasil  
Foi feito o depósito legal.

Direitos reservados a

Editora da Unicamp  
Rua Sérgio Buarque de Holanda, 421 – 3º andar  
Campus Unicamp  
CEP 13083-859 – Campinas – SP – Brasil  
Tel./Fax: (19) 3521-7718 / 7728  
www.editoraunicamp.com.br – vendas@editora.unicamp.br

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Jean d'Hendecourt, Laurent Theis e Benoît Yvert, que apoiaram este projeto desde sua origem; exprimo todo meu reconhecimento a Emmanuel Hecht, que acompanhou a redação desta obra com toda a atenção.

Pelas observações ou sugestões, pelos esclarecimentos que me forneceram, agradeço igualmente a Janine Champeaux, Charles Dreyfus, Yana Grinshpun, Roselyne Koren, Olivier Lumbroso, Jean-Sébastien Macke, Nathalie Mauriac, François-Marie Mourad, Yuji Murakami, Philippe Oriol, Jean-Michel Pottier, Anne Régent-Susini, Marc Thierry, Clive Thomson e Pyra Wise.

Enfim, toda a minha gratidão a Joëlle, a quem este livro é dedicado.



## SUMÁRIO

PREFÁCIO À EDIÇÃO BRASILEIRA – O CASO DREYFUS E O BRASIL: PASSADO E PRESENTE .....	9
INTRODUÇÃO .....	21
1 É PRECISO DISTINGUIR VÁRIOS CASOS DREYFUS?	27
2 A ACUSAÇÃO POSSUÍA PROVAS?.....	34
3 AS PERÍCIAS GRAFOTÉCNICAS DESEMPENHARAM UM PAPEL DETERMINANTE? ...	43
4 O “J’ACCUSE” DE ÉMILE ZOLA APRESENTA UM RELATO COMPLETO DO CASO DREYFUS? .....	51
5 FOI CLEMENCEAU QUEM PROPÔS O TÍTULO “J’ACCUSE”? .....	59
6 FÉLIX FAURE LEU O “J’ACCUSE” DE ÉMILE ZOLA? ..	66
7 OS <i>DREYFUSARDS</i> INVENTARAM A FORMA DO ABAIXO-ASSINADO? .....	73
8 ALFRED DREYFUS FOI DEFENDIDO POR UM “SINDICATO JUDEU”? .....	79
9 FOI ÉDOUARD DRUMONT QUEM INVENTOU O ANTISSEMITISMO? .....	85
10 ALFRED DREYFUS ESTAVA “EM TEMPORADA DE FÉRIAS” NA ILHA DO DIABO? .....	93

11	ESTERHAZY FOI AJUDADO POR UMA “DAMA DO VÉU”?.....	100
12	O CASO DREYFUS FOI VIVIDO COMO UM ROMANCE-FOLHETIM? .....	111
13	ZOLA E PICQUART FORAM OS HERÓIS DO CASO DREYFUS? .....	117
14	O ENGAJAMENTO <i>DREYFUSARD</i> ERA BASEADO NA EMOÇÃO? .....	127
15	OS SOCIALISTAS ERAM <i>DREYFUSARDS</i> ? .....	134
16	A OPINIÃO PÚBLICA APOIOU A CAUSA DE ALFRED DREYFUS? .....	140
17	A IMPRENSA DIÁRIA SE DIVIDIU EM DOIS CAMPOS? .....	149
18	HOVE UM QUARTO CASO DREYFUS?.....	156
19	O CASO DREYFUS APRESENTA SEMELHANÇAS COM O CASO CALAS? .....	162
20	OS <i>DREYFUSARDS</i> SOBERAM FALAR DE SUA LUTA? .....	168
21	A LITERATURA TRATOU DO CASO DREYFUS?.....	175
22	O CASO DREYFUS É UM BOM TEMA PARA O CINEMA?.....	183
23	COMO ROMAN POLANSKI REPRESENTOU O CASO DREYFUS? .....	191
24	O CASO DREYFUS AINDA APRESENTA ENIGMAS NÃO SOLUCIONADOS? .....	198
25	ZOLA FOI VÍTIMA DE SEU ENGAJAMENTO? .....	205
26	ERA NECESSÁRIO LUTAR PELA CAUSA DE ALFRED DREYFUS? .....	213
	CRONOLOGIA .....	219
	BIBLIOGRAFIA E FILMOGRAFIA.....	223



## PREFÁCIO À EDIÇÃO BRASILEIRA

### O Caso Dreyfus e o Brasil: passado e presente

*Pedro Paulo Garcia Ferreira Catharina*

Alain Pagès inicia *O Caso Dreyfus, verdades e lendas* chamando a atenção para sua atualidade e para o alcance internacional desse longo processo judicial. No passado, o “Caso” – como muitas vezes é simplesmente chamado – mobilizou a França, dividindo-a em dois grupos, que se opunham veementemente: aquele formado pelos partidários da causa de Dreyfus, que consideravam que um erro judiciário grave havia sido cometido e exigiam a revisão do processo – os *dreyfusards* –, e o grupo dos *antidreyfusards*, em geral composto de nacionalistas de direita que viam na figura daquele militar francês de origem judaica uma ameaça aos valores tradicionais do Exército e da própria França.

Teria o Caso Dreyfus a ver com a realidade brasileira, seja na época em que ocorreu, seja no atual momento?

Uma das primeiras vozes a reagir publicamente à injustiça cometida contra Alfred Dreyfus – bem antes da mais famosa delas, a de Émile Zola – e a apontar os deslizes na condução do processo foi a do jurista brasileiro Rui Barbosa. Exilado na Inglaterra, escreveu, de Londres, um artigo em 7 de janeiro de 1895, dois dias após a degradação pública do réu, que havia sido condenado pelo Conselho de Guerra de Paris. O artigo foi publicado em um domingo, dia 3 de fevereiro de 1895, pelo *Jornal do Commercio* do

Rio de Janeiro, na rubrica “Cartas de Inglaterra” com o título “O processo do capitão Dreyfus”.

Rui Barbosa, apoiado nas notícias que circulavam na imprensa local e refletindo sobre o modo de condução da justiça inglesa, denunciava as falhas processuais e a tendência latina ou francesa “a condenar por impressões, antecipar as sentenças, a se substituir aos juízes, e a ditar arestos aos tribunais”. Clamando por “disciplina jurídica” como escudo contra os “impulsos das maiorias” e “as exigências das ditaduras”, Barbosa, que talvez visse uma espécie de homologia entre o seu caso de exílio e aquele que era previsto para Dreyfus, prevenia os leitores do *Jornal do Commercio* contra soluções públicas apoiadas “nos sofismas da conveniência mais flexível, a cuja sombra os impulsos instintivos da multidão, ou as aventuras irresponsáveis da autoridade se legitimam sempre em nome da necessidade, da moral, ou do patriotismo”. Para o jurista, não havia prova cabal para a acusação e, pior, pouco se sabia dos elementos que constituíam o Caso, tendo em vista que o processo havia se desenrolado a portas fechadas, violando os princípios fundamentais da justiça ao impor o sigilo, essa “tradição medieva e bárbara [...] como regra geral do processo”. Lembrava ainda que “os tribunais, mais ilustres dependem, para a sua respeitabilidade moral, da luz, que derramam sobre o espírito público”.<sup>1</sup>

Após a leitura desses curtos trechos, seria preciso insistir sobre a atualidade das questões levantadas pelo Caso Dreyfus e o quanto isso ainda nos diz respeito?

A reação de Rui Barbosa constituiu apenas um primeiro momento do debate. Desde então, e sobretudo quando o escritor Émile Zola se lançou efetivamente em defesa de Dreyfus com a

---

<sup>1</sup> R. Barbosa. “Cartas de Inglaterra. O processo do capitão Dreyfus”. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 3 fev. 1895, p. 1.

publicação de sua “Carta ao presidente da República”, no célebre “J’Accuse...!”, em 13 de janeiro de 1898,<sup>2</sup> a imprensa brasileira não deixou de se pronunciar sobre o Caso até sua conclusão em 1906 (e mesmo após). O assunto, com seus desdobramentos e suas múltiplas surpresas, foi acompanhado no modo de apreensão dos fatos que se havia instalado definitivamente nas mentes dos leitores naquele fim de século: o do romance-folhetim ou das publicações seriadas.

O jornal *Commercio do Amazonas*, buscando apresentar a seus leitores e leitoras um rosto para os personagens dessa história palpitante que mobilizava a opinião pública, lançou uma série de perfis com retratos comentados. Entre 1898 e 1899, propôs uma espécie de galeria dos protagonistas do Caso Dreyfus em suas páginas. Em primeiro lugar, publicou o retrato de Émile Zola na edição de 19 de junho de 1898, com os dizeres: “Estampamos hoje o retrato do grande romancista francês Emilio Zola, que tanta agitação provocou em torno de seu nome na importante questão Dreyfus”. Alguns dias depois, foi a vez da vítima, o capitão Dreyfus: “Estampamos hoje o retrato do degradado da ilha do Diabo, o infeliz oficial do Exército francês, que pelo mais odioso dos processos foi atirado ao desterro, vilipendiado e desonrado”.<sup>3</sup> No ano seguinte, a rubrica “A Ilustração

<sup>2</sup> A carta de Zola será traduzida e publicada por vários jornais brasileiros, em um curto intervalo de tempo após sua publicação no *L’Aurore*. O *Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro, obviamente, a estampa por completo na primeira página, ocupando as três primeiras colunas e uma pequena parte da quarta dentre as nove que compõem a página do jornal. A rubrica é “Questão Dreyfus”, e o texto recebe o título “EU ACUSO! Carta de Emilio Zola ao Presidente da República Francesa”. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 31 jan. 1898, p. 1. A título de exemplo, citamos outros jornais brasileiros em que esse texto emblemático do Caso Dreyfus também foi publicado: “Questão Dreyfus. ‘Eu acuso!’ Carta do Emilio Zola ao Presidente da República Francesa”. *Jornal do Recife*, Pernambuco, 8 fev. 1898, p. 2; “Questão Dreyfus. A famosa carta de Zola ao presidente Félix Faure”. *Diário de Notícias*, Belém, Grand-Pará, 17 fev. 1898, p. 1; “Questão Dreyfus. Eu acuso!”. *Orbe*, Macció, 4 mar. 1898, p. 2, e 9 mar. 1898, p. 3.

<sup>3</sup> “Emilio Zola”. “Capitão Dreyfus”. *Commercio do Amazonas*, Manaus, 19 jun. 1898, p. 1; 26 jun. 1898, p. 1, respectivamente.

de hoje” trouxe ainda os retratos dos três vilões da história: o coronel Du Paty de Clam, o tenente-coronel Henry e o comandante Esterhazy. A primeira imagem foi acompanhada por texto que informava:

Na mesma cela que em 1894 fora ocupada por Dreyfus na prisão de Cherche-Midi, acha-se agora, detido, aquele elegante e aristocrata marquês Du Paty de Clam, [...] que, pelos seus instintos perversos e pelas instigações dos seus chefes, foi o sinistro obreiro, a alma danada do processo contra o desventurado capitão israelita.

A segunda comentava:

O tenente-coronel Henry, que se suicidara a 2 de setembro de 1898,<sup>4</sup> na cela do Monte Valeriano, era o contrário, a antítese suprema de Du Paty. [...] Para merecer a confiança dos seus chefes, Henry não hesitava nunca na escada dos crimes. [...] Descoberto e confesso, Henry teve ao menos a hombridade de suicidar-se.

E, finalmente, o retrato do comandante Esterhazy, comparado a um personagem de Balzac, foi seguido da explicação:

A vida de Esterhazy é uma série contínua de expedientes: desde o jogo até a casa [de] *rendez-vous* [...] Tal sujeito vergonhoso que o estado-maior defendera com o empenho que todos sabem, que foi o principal instrumento das infâmias dos generais Gonse, Mercier e Pellieux.

Em seguida, foi publicada a heroica figura do tenente-coronel Picquart:

---

<sup>4</sup> A data correta do suicídio de Henry é 31 de agosto de 1898.

O *Commercio do Amazonas* dá hoje o retrato do tenente-coronel Picquart, um dos melhores amigos do infelizmente Dreyfus. [...] O tenente-coronel Picquart, ao lado de Zola, Labori e tantos outros, muito esforçou-se para que se fizesse justiça ao martirizado Dreyfus.

Para concluir, algumas edições depois, foi apresentado um retrato com os três principais protagonistas da trama reunidos, a vítima e seus dois maiores defensores – Alfred Dreyfus, Zola e Picquart – com texto em que se lê: “Está em liberdade o grande mártir da ilha do Diabo. A França indultou ao capitão Alfred Dreyfus, a vítima de toda a miséria do século que morre”<sup>5</sup>

Favorecidos pelo desenvolvimento tecnológico que permitia a transmissão rápida das notícias, jornais de todo o país cobriram suas páginas com telegramas, notícias, artigos, traduzindo os principais textos de combate sobre o Caso e aqueles relativos aos sucessivos processos. O *Diário Oficial* do estado do Amazonas, por exemplo, publicou em sua rubrica “Telegrammas”, de 31 de janeiro de 1895, informações extraídas do *A Província do Pará*, que anunciavam a chegada de Alfred Dreyfus a La Rochelle, em 21 de janeiro de 1895, relatando a tentativa de linchamento do condenado pela multidão enfurecida, que gritava “morra o traidor!”. E complementou:

Com bastante dificuldade conseguiu a força que o custodiava, auxiliada pela polícia local, fazer evacuar a estação e libertar o infeliz capitão das garras populares, que queriam fazer justiça ao traidor por suas

---

<sup>5</sup> “A Ilustração de hoje – Coronel Du Paty de Clam”; “A Ilustração de hoje – Tenente-Coronel Henry”; “A Ilustração de hoje – Commandante Esterhazy”; “A Ilustração de hoje – Tenente-Coronel Picquart”; “A Ilustração de hoje – Alfredo Dreyfus e os seus principais defensores Zola e Picquart”. *Commercio do Amazonas*, Manaus, 20 jul. 1899, p. 1; 22 jul. 1899, p. 1; 23 jul. 1899, p. 1; 17 set. 1899, p. 1; 27 set. 1899, p. 1, respectivamente.

próprias mãos. O capitão ficou gravemente ferido em consequência das muitas pedradas que lhe foram atiradas.<sup>6</sup>

Na sequência dos fatos, o *Diário de Notícias; órgão do partido republicano democrata* de Belém do Pará deu detalhes a seus leitores, em 2 de junho de 1895, em sua rubrica “Revistinha”, da chegada de Dreyfus ao degredo, informando-os sobre a rotina do prisioneiro e suas condições de vida na ilha do Diabo:

O ex-capitão Dreyfus chegou à Guiana no dia 13 de março, sendo imediatamente levado para a ilha do Diabo, onde o alojaram em uma cabana com dois compartimentos, um ocupado por ele e outro pelos guardas. O prisioneiro, que é muito vigiado, pode sair das 6 da manhã às 6 da tarde, mas não ir além de certos limites, se os transpuser, os guardas devem logo usar de suas armas. O mato em volta da cabana em um raio de 309 metros foi todo cortado.

Dreyfus, cuja comida é o rancho do soldado, sem vinho, continua a declarar que é inocente.<sup>7</sup>

Muitos periódicos criaram rubricas ou títulos recorrentes especialmente para o acompanhamento do Caso Dreyfus por parte de leitores ávidos pelos próximos capítulos dessa história tão emocionante. A continuidade das notícias fica evidente. Apenas para mencionar alguns jornais que dedicaram muitas de suas páginas ao Caso: o *Orbe*, de Alagoas, no ano de 1899, trouxe estampadas notícias curtas e longas intituladas “Questão Dreyfus”, “A Questão Dreyfus”, “Capitão Dreyfus”. O *Diário do Maranhão, jornal do commercio, lavoura e indústria*, por sua vez, utilizou uma série de títulos que se repetem entre 1898 e 1899 (além de notícias diversas

<sup>6</sup> “Telegrammas”. *Diário Oficial*, Manaus, 31 jan. 1895, p. 2.783.

<sup>7</sup> “Revistinha”. *Diário de Notícias*, Belém do Pará, 2 jun. 1895, p. 2.

ocupando outras rubricas, como também ocorre na maioria dos jornais que acompanham o Caso): “Questão Dreyfus”, “A Questão Dreyfus”, “As Questões Dreyfus e Zola”, “Processo Dreyfus”, “O Processo Dreyfus”, “O Capitão Alfredo Dreyfus”, “Julgamento Dreyfus”, “Dreyfus Condenado”, “A Condenação de Dreyfus!”, “Ainda a Condenação de Dreyfus”. No Sul do país, *A Federação, órgão do Partido Republicano*, de Porto Alegre, trouxe, desde 1895, notícias com títulos como “Capitão Dreyfus” e “O Capitão francês Dreyfus”. A partir de 1899, com a anulação do primeiro julgamento e o processo de Rennes, há um incremento das rubricas e dos títulos: “Processo Dreyfus”, “O Processo Dreyfus”, “Questão Dreyfus”, “A Questão Dreyfus”. Essa mesma folha rio-grandense anunciou, em 22 de novembro de 1899, em sua rubrica “Registro de nascimentos”, o nascimento de um garoto, “filho de João Rio-Grandense Duarte”, que recebeu o nome de... Dreyfus.<sup>8</sup> Trata-se apenas de uma pequena amostra indicando a importância desse caso de injustiça e erro judiciário para o público brasileiro de Norte a Sul do país, e as emoções que ele suscita, levando até mesmo um pai a batizar seu filho com o nome do mártir da ilha do Diabo.

As informações quase diárias vão de pequenos *flashes* telegráficos (“Dreyfus foi indultado”<sup>9</sup>), passando por notas triviais (“Telegramas de Zuric dizem constar ali que o capitão Dreyfus vai residir com sua família em um hotel às margens do lago de Constança”<sup>10</sup>), até longos artigos como o que aparece no folhetim, “Ver, ouvir e contar”, assinado por Iriel para o *Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro, em 9 de dezembro de 1894, portanto antes da abertura do processo de Dreyfus

<sup>8</sup> “Registro de nascimento”. *A Federação*, Porto Alegre, 22 nov. 1899, p. 2.

<sup>9</sup> *A Federação*, Porto Alegre, 21 set. 1899, p. 2. A graça presidencial havia sido concedida em 19 de setembro.

<sup>10</sup> *A Federação*, Porto Alegre, 4 out. 1899, p. 1.

perante o Conselho de Guerra de Paris (esse artigo será replicado no *Diário de Notícias* de Belém do Pará um mês depois<sup>11</sup>). Outro longo artigo foi publicado no *Jornal do Recife* de fevereiro de 1898, ocupando duas colunas encimadas pelo título “A questão Dreyfus”, que faz uma síntese da participação de Zola até aquele momento. Logo abaixo do título são enumerados os temas que serão desenvolvidos: “O julgamento de Emilio Zola – o aparecimento da questão no parlamento – manifestações nas ruas – os estudantes – resposta dada pelos estudantes à carta escrita por Zola a Félix Faure – resposta de Zola ao presidente da associação dos estudantes – carta de Bjornson a Zola”.<sup>12</sup> Podemos mencionar ainda as três primeiras colunas praticamente inteiras sobre “A Questão Dreyfus”, com informações muito completas, publicadas pelo *Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro em 17 de fevereiro de 1898.<sup>13</sup>

Diferentes gêneros jornalísticos cobriram a totalidade do Caso Dreyfus. Assunto não faltou nas páginas dos periódicos brasileiros ao longo dos anos em que ele se desenrolou. Publicaram-se matérias sobre o dossiê secreto contendo as provas que incriminariam o capitão, sua condenação e deportação, o novo julgamento em Rennes e a nova condenação com circunstâncias atenuantes, os relatos das audiências, a graça concedida pelo presidente da República, a reintegração ao Exército. Não faltaram tampouco informações sobre a atuação de Zola: sua campanha na imprensa, o julgamento por difamação após a publicação de “J’Accuse...!”, as violentas manifestações públicas contra ele, sua condenação e seu exílio na Inglaterra, sua morte em condições suspeitas em 29 de setembro de

---

<sup>11</sup> Ariel. “Ver, ouvir e contar”. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 9 dez. 1894, p. 1; *Diário de Notícias*, Belém do Pará, 9 jan. 1895, p. 1.

<sup>12</sup> “A questão Dreyfus”. *Jornal do Recife*, Pernambuco, 16 fev. 1898, p. 2.

<sup>13</sup> “A questão Dreyfus”. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 17 fev. 1898, p. 1.



1902. Não poderiam faltar notícias sobre o desfecho monumental envolvendo dois dos principais protagonistas: o atentado contra Alfred Dreyfus, no momento em que os restos mortais de Zola eram transferidos para o Panteão de Paris, em 4 de junho de 1908. Todos esses fatos podem ser encontrados na imprensa brasileira em diferentes jornais e regiões, mostrando que os leitores e as leitoras daquela época podiam acompanhar todos os detalhes dessa história com a qual nenhuma narrativa de ficção parecia capaz de competir.

No centro desse processo judicial, a literatura irrompe como um dos maiores valores do século XIX, pela força simbólica do lema “verdade e justiça” que caracteriza a obra romanesca e crítica de Émile Zola, e que determinou sua ação decisiva no caso. Boa parte das notícias publicadas em periódicos brasileiros refere-se à participação do escritor e ao processo que enfrentou ao publicar “J’Accuse...!” no jornal *L’Aurore*. No Mato Grosso, para citar apenas um exemplo, *O Republicano* trouxe informações sobre a condenação do escritor e sua pena, revelando ao mesmo tempo as inúmeras provas de solidariedade enviadas por conhecidos e anônimos ao autor de *Germinale*:

Emilio Zola, o grande romancista francês, foi em fim de fevereiro último condenado a um ano de prisão e a 3.000 francos de multa, por injúrias aos chefes do Exército de sua pátria, assacadas na campanha por ele aberta em favor de Dreyfus, o ex-capitão exilado como traidor na ilha do Diabo, na Guiana Francesa.

Essa condenação, porém, dizem telegramas para *La Democracia*, de Assunção, tem motivado inúmeras felicitações a Zola, cuja casa tem sido invadida pelos visitantes e pelas cartas e telegramas que chovem de todas as partes.<sup>14</sup>

---

<sup>14</sup> *O Republicano*, Cuiabá, 24 mar. 1898, p. 2.

A informação procede. Mais de duas mil cartas foram endereçadas a Zola, em sua maioria por ocasião do Caso Dreyfus, escritas em várias línguas e vindas de todos os continentes. Nessa correspondência, homens, mulheres e até mesmo crianças enviaram uma palavra de apoio ao escritor cuja obra admiravam (ou que não admiravam, mas cuja luta reconheciam como legítima). Entre esses correspondentes havia brasileiros, conhecidos e desconhecidos, pertencentes à elite intelectual ou humildes cidadãos, que se sentiram levados a escrever para dizer ao grande escritor que a sua causa também era a deles, que eles também lutavam por verdade e justiça e se sentiam implicados na luta por Dreyfus.<sup>15</sup>

Assim, ainda que um trabalho sistemático esteja por ser feito, as inúmeras notas, notícias e reportagens até aqui encontradas, bem como a correspondência enviada a Émile Zola, permitem afirmar que o Caso Dreyfus também foi um caso nosso. Se, na França, tratava-se de pôr à prova a consolidação da Terceira República no embate com as forças católicas conservadoras e monarquistas, no Brasil da jovem República, as questões relativas aos valores republicanos que o Caso Dreyfus suscitava também mobilizavam a opinião pública, colocando muitas vezes em oposição jornais republicanos e jornais católicos. Felizmente, a balança pendeu para o lado de Alfred Dreyfus, de Zola e dos valores da verdade e da justiça pelos quais clamava o escritor e que viriam finalmente a triunfar sobre as lendas.

---

<sup>15</sup> As cartas pertencem ao acervo da família do escritor. Elas foram digitalizadas e anotadas no âmbito do projeto *Naturalismes du monde* (CNRS, ENS e Collège de France), por iniciativa do Centre Zola do ITEM-Institut des textes et manuscrits modernes (<http://eman-archives.org/CorrespondanceZola/>). Uma parte das cartas enviadas do Brasil ou por brasileiros foi estudada em P. P. Catharina. "Les voix du Brésil dans l'affaire Dreyfus". *Cahiers naturalistes* 94, Paris, Société littéraire des Amis d'Émile Zola/Centre national du livre, 2020, pp. 341-346.

O Caso Dreyfus, como será visto neste livro, revelou abertamente sentimentos hostis do conservadorismo e do antissemitismo, colocando em pauta um movimento que teve consequências nefastas no século XX, que repercutem ainda no século XXI. Nada parece mais atual do que a história do capitão Dreyfus, no momento em que nacionalismos toscos e tradicionalismos reacionários ressurgem com força no mundo e no Brasil.

Este livro de Alain Pagès, ao examinar as verdades e as lendas do Caso Dreyfus, faz-nos refletir sobre o passado ao mesmo tempo que nos faz pensar sobre os rumos que as sociedades ocidentais estão tomando hoje, com o risco de incorrerem em erros semelhantes. Polarizações de posições políticas e ideológicas, antissemitismo, segregações estruturais que se assumem cada vez mais sem pudor, repúdio à ação dos intelectuais que lutam pela justiça e pela verdade, erros judiciários e condenações sem provas, invenção orquestrada de *fake news* em gabinetes que promovem o ódio, abuso de poder são alguns elementos dessa história que ligam o passado ao presente.

